

Pão Nosso . . .

Porto, 3 de Agosto de 1910.

N.º 16

SUMARIO:

- I — NOITE CHUVOSA. . .
- II — A SOLTURA CLERICAL.
- III — DOIS TRAÇOS COLONIAES.
- IV — DESGRAÇAS LOCAES.

Noite chuvosa . . .

No “café dos ladrões,,— Farrapos de
miseria.— Um dialogo de nota...—
A sentença de Maura.

Supito, roncou um pegão de vento. O ceo achumbado esgarçou-se em largas placas d’agua, e as cordas de chuva, despedidas do alto, batiam rijo no chão.

Puz olhos d’atalaia em cata dum refugio. Corriam as onze da noite numa torre visinha. Um golpe de luz, refulgurando do portal dum café ali perto, varava o escuro. Entrei. E na minha frente se abriu um dos aspetos da miseria das grandes cidades. Pitoresco sem duvida, mas um pitoresco sujo e dolorido, com vincos de fome no pergaminho amarelento das faces, e rugas onde o sofrimento dormia.

Tão baixo sobre as cabeças pesava o tecto da quadra achapada, que logo acudia á lembrança ali dentro só linguados se poderem comer. Ao longo do encosto das paredes borbori-

nhavam vozes e o estalido sêco das tavolas do dominó barulhando estrupido sobre a pedra das mezas.

No cotovelo esquerdo da entrada, um sarçal de carapinha negra, um bico aguçado de nariz espreitando pela travacção dos pêlos lustrosos e rebelões como potros á solta num panascal, e o ruido de queixadas vorazes atacando ferozmente vitualhas.

Era o Veiga, o Veiga das ruas que dormita de papo ao vento e ás moscas por bancos dos jardins publicos, com a sua intonsa cabeça do homem das cavernas, d'onde ás vezes deserta um sombreirinho de palha, tangido em mesuras de solene cortesia.

Não aquelle Veiga que Antonio Patricio literariamente espiritualizou no *Serão Inquieto*, temperando-lhe as feveras da alma com sentimentos e poesia, acerbando-lhe dôres que jámais lá moraram, mas o Veiga sarnoso e ambulante, de gengivas verde-musgo, sem mostardas filosoficas nem descartes intelektuaes. Parecia um cerdo a triturar bolota.

*

*

*

De minuto a minuto, aprendizes de trolha, d'andrajos atacoados, com borrões de tintas multicores e pingos de caliça, pés de gretas núas, embeizavam com a porta, resumbrando chuva, e subiam ao tope da sala, a pedir *uma salsa*. Em copo de vidro lhe serviam a ingenua beberagem: agua quente, tres gotas de leite a turvá-la, sua colhér d'assucar e uma suspeita de canela. Ouviam-se dos outros lados solicitações imperiosas do *meio-curto*, da *meia-receita*, liquidos de misterio e sombra, alquimia de complexas tisanas que rosavam as caras engelhadas num fugitivo vislumbre de aconchêgo feliz.

A' hobreira da saida lateral que desabafava contra uma viela, emborcando copinhos do branco, casquinava risadas finas uma velhota gordalhufa, olhitos como dois pingos de coral, guinando inquietos, e a cara — um trazeiro de galinha pelada e de bom trato, anavallhada de travez pelo rasgão irregular da boca.

Crescia o rumor da frequencia descamisada. Alguns entravam amarfanhando embrulhos de que extraiam pão e lascas de bacalhau tísico, outros, ar de bargantaria galanteadora, deitavam-se á orgia da chavena afrodisiaca do café, e confidenciavam aventuras de raparigas brigonas e deslinguadas que, horas mortas da noite, pelas esquinas andam ao flaino.

Perto de mim abancara um grupo. Operarios estes, quatro que eram, mãos calejadas da forja, que de braços em repouso sobre o marmore, reatavam a disputa lá fóra encetada. Um delles, escanhado de fresco, com sotaque espanhol na pronuncia, despregara um macete de gazetas d'além raia, e poisando nos impressos olhares velozes, ia vertendo para português trechos biograficos de Posa y Roca, o homem que atentara contra Maura. Deferentemente escutavam os tres restantes.

Eis o dialogo impressionante que escutei, emquanto por uma fresta da cortina das guedelhas que ao Veiga desciam a abafar-lhe as maçans do rosto, lhe entrevia o pincar do nariganga, rubicunda como um medronho aos primeiros alvares da madrugada.

*

* *

— Nada se lucra com os atentados individuaes — argumentava um. Mata-se um rei, logo outro aparece. Angiolillo deu cabo de Canovas; da maldita semente do morto nasceu Maura. Esses atentados servem de pretexto aos burguêses, para mais raivosamente perseguirem republicanos, socialistas, e anarquistas. Nada se lucra... São balas perdidas...

— Cá por mim não compreendo — outro interveio, como a um tirano que foi culpado de milhares de torturas, de fuzilamentos sem conta, de martirios nos carceres, de sofrimentos que se não descrevem, — que a esse tirano, repito, se dê morte rapida e quasi sem dôr. Nada lhe custa em comparação dos tormentos sem fim que fez padecer. Esmigalhou corpos e pensamentos, almas de mães, corações de companheiras, ternuras de filhas!

De repente, metem-lhe uma bala nos miolos ou no peito, acaba sem atravessar uns segundos d'agonia!

Com lentidão dobrava o espanhol o seu rolo de papeis, o Veiga petiscara um almirante, e endireitando a uma bacia, abluia as mãos com os ritos pontuaes dum sacerdote acabando de sacrificar.

E depois, muito pausadamente, sustando-se a intervalos á espera dum vocabulo, o estrangeiro falou:

— «E' que a morte de Canovas, meus amigos, como a de Maura, pois tal dia chegará, nem é uma vingança popular, nem, como alguns afirmam — um justiçaamento anonimo. E' apenas uma medida preventiva. E' o povo exercendo sobre os partidos politicos o poder moderador, — o seu poder moderador que tanto pode perdoar como executar.

«Ninguem nos assegura que, passados dois ou tres annos, Maura não esteja de novo no poder. Pablo Iglesias affiançou que para se evitar esse lance, ir-se-ia até ao atentado pessoal. Mas não é, por certo, Pablo Iglesias que correrá de punhal na manga, ou de pistola em punho, sobre o banco azul dos ministros, a ferir o despota. E bem sabemos, pela experiencia do passado, que o individuo prestes a sacrificar a vida para matar morrendo, não confia seus planos a ninguem. As frases de Iglesias são, portanto, um artificio de retorica, traduzindo sinceramente uma aspiração, mas ao mesmo tempo uma ameaça van.

«Os homens das justiçaes hoje nos dizem que ao condenarem um réo a garrote ou á guilhotina, á deportação, presidio ou carcere perpetuos, não applicam um castigo. Procedem assim para obstar a que o condenado reincida no acto. Ou o degolam duma assentada, ou o afastam para o resto da vida do convivio social. Não volverá ao crime... por não poder. A execução de Maura corresponde á mesma doutrina. Não será elle que d'além tumulo mandará fusilar outros Ferrers, e por mais estatuas que os reacionarios votem ao hediondo carrasco, as estatuas são inofensivas.»

Passou um momento de silencio tragico. Os quatro calaram-se. Escampara. Raros fios d'agua gargalaçavam dos beiraes.

O Veiga, ao passar deante de mim reconhecera-me, e quebrara a cintura numa reverencia de minuete, como um autentico *talon rouge*. Voejavam-lhe no cachaço os cadeixos estilando lustre, como azas revoltas de corvo.

Saí á rua, repisando o dialogo que ouvira, e que traslado na fidelidade da substancia, se bem que lhe alivie a linguagem.

*

* * *

A caminho meditava:

— De facto, que perderia a humanidade com o desaparecimento de Maura? Fôra elle um sabio, um filosofo, um pensador, e os lamentos eram merecidos. O desastre que assassinou Curie comoveu o mundo civilisado. O desaparecimento de Canovas, de Humberto de Italia, de Carlos de Portugal, da parelha real da Servia, trouxe a lume só hipocrisias politicas. Lagrimas de fino toque, talvez que as esposas e filhos as vertessem, e ninguem mais.

Se amanhã outro Manuel Posa surgir, e as balas se não espediçarem, ouviremos os garganteios necrologicos da tribuna espanhola, e os trilos parlamentares em Camaras de varias nações. Porém, mezes volvidos, jazerá o nome de Maura tão no escuro, como o de Canovas. Não obstante, Canovas restaurara um trono, escrevera livros e era alguem. Maura poderia tambem atravessar a scena politica, a contento dos que lhe admiram as magestosas empolas do frasear. Sonhou as grandezas de tirano, terá de roer-lhe as consequencias. Blasco Ibañez profetisara que Maura era carne de Angiolillo. Ha-de cumprir-se a profecia.

Artal... Manuel Posa... como se chamará o vindouro?...

A soltura clerical

A padralhada ventejando. — Lenda dos padres liberaes—O filho do cavador bronco. — Isaias Abundio no galarim.—O modernismo religioso.—As opiniões dos chefes modernistas

Ia o ceo limpo, sereno, azulino como as tardes azués dos poetas. Alto e baixo clero vertiam no regaço governamental, feixes de cravelinas e galanteios de paixão acesa. Havia frescura nos sorrisos, trocavam-se esperanças como os ciganos escambam mulas desdentadas.

Numa volta de mão, tudo mudou. Primeiramente afusilaram relampagos das cumeadas do Sameiro. Os abades minhotos, mostrengos pançudos todos peritos em capar leitões, lardear um pernil de presunto, e cevar ninhadas de sobrinhas, engalispavam-se contra o governo. Motivo: — Haver este, com timida e inofensiva portaria, lembrado ao arcebispo de Braga, que o código penal tinha applicação immediata aos leigos das associações secretas, mas era letra morta ao tratar-se de prelados.

Depois tangeu a campa a rebate nas serranias da Guarda. As dignidades ecclesiasticas a que competia o governo da diocese, enquanto o mitrado desandava para a estranja a curar-se dum relaxamento do esfincter nadegueiro, defecaram uma circular ganindo pela guerra santa, exatamente no genero dos incentivos dos santões marroquinos, quando exercitos cristãos lhes vadeiam a agrura das costas maritimas.

Finalmente os priores de Lisbôa, casta d'engorda, esbofaram pelas fistulas das entranhas roncões de temeroso pavor, e o caso podia serapantar os animos, se suas reverencias não houvessem alargado o cabresto religioso, e se não se entretivessem em dentadas mutuas que os deixam no grande perigo da gangrena nos bentos lombos.

Acresce a miudeza de varios curas sertanejos romperem os

atafaes, e se espolinharem nas margens do código, sacudindo os moscões regalistas e bramindo com cio ultramontano.

E em que findará todo esse trom de guerra? Pois muito á boa paz. Suas reverencias engasgam a cantarola, logo que lhes aumentem a congrua e não lhes diminuam o pé d'altar, sizando-lhes o registo religioso. Pouco lhes interessa o regougo do latim á beira dos covaes: mais o sal, a porca saliva e a agua da pia do batismo: mais a estola enrolada sobre as mãos dos noivos que ardem pela noite na intenção de verificarem o dito daquella innocente virgem casadoira que definia o casamento: — uma simples operação cirurgica.

Suas reverencias exigem, apenas, aumento de salario. E porque não tentam uma grève? E porque não parodiam Karl Marx inscrevendo nas casulas: — A emancipação dos padres ha-de ser obra das proprias amas?

*

* *

Vamos longe do tempo em que um observador do paiz vizinho, debruçado sobre o redondel da camara dos deputados, se admirava para Oliveira Martins, escritor que tão amiude costume lembrar:

— «*Veinte* PADRES, *amigo mio! veinte curas... y todos liberales!* »

A velha geração de clérigos sem fé no dogma, tolerantes por indiferença, macios por educação, desapareceu. Substituiu-a uma camada de tonsurados, mais incredulos que a precedente, de meias com a impiedade e o ateismo, que não temem o seu Deus e fazem coegas ao senhor Diabo, mas aspera no ganho, sabendo que altos e lucrativos cargos só de Roma dependem.

O grosso dos batalhões canonicos recruta-se nos campos. São servos da gleba, filhos de camponios, grosseiros e lanzudos, trazendo para os estudos teologicos a boçalidade dos esquinudos cerebros, mas perquirindo a primor quanto rende o officio, e como se póde trepar dentro da batina, roçando-se pelas anaguas das beatas de bens avultados, e apegando-se ás influencias con-

greganistas que dominam o alto clero. Vae findando o padre de raças finas, oriundo de familias escolhidas, com janelas rasgadas sobre o mundo do pensamento.

No seminario, dão-lhe por diretor espiritual o jesuita, insinuante, melifluo, corrutor. Colhe as lições soberanas da hipocrisia. Derrama a vista sobre os logares rendosos da carreira. Vê-os na posse dos intrigantes habeis, ou das bestiagas inverosimilmente estupidas, mas que por despejo de baixêsas e de submissão aos poderes ocultos, lograram escalar o episcopado, o cabido, o ensino, as paróquias ricas, os descansos de quem enceleira sem trabalhar.

Mais aprendeu com o dogma da infalibilidade pontificia, com o *Silabus*, com a enciclica *Pascendi Dominici gregis*, que, dentro da Igreja, — Roma é o mundo, e o resto da cristandade, cisco d'onde a Curia espreme dinheiro.

De geito que esse clero ha-de, nas occasiões criticas, aparentar de reaccionario, posto no seu intimo escarneça das crenças que exteriorisa. Tumultuará como hoste cerrada á roda dos seus bispos, mas devorá-los-hia ás dentadas, tal a matilha que acabou de caçar crava os colmilhos no veado escutando o toque da *curée*, — se um prelado baixasse no desagrado de Roma até á resignação do baculo.

Ser catolico-romano é obedecer, sem pensar. Quanto se riem os padres, daquelles que escavam travêzes entre clero secular e clero regular! Que de gargalhadas não sangram das bocarras fradescas, quando algum plumitivo desenha a vermelhão o quadro fantasioso do cura da aldeia de sachola ao hombro e filharada á sirga, marchando em tropel contra os conventos e demais alcoices benditos, onde carnes polpudas anafam as barbelas brancas das ovelhas do Senhor!

*

* * *

E' agora bom ardil politico, enaltecer-se uma folheca de estilo flatulento e halito paludoso, que no Porto se estampa, o

Correio do Norte, oferecendo-o ás admirações papalvas como nateiro escumado do liberalismo catolico. Tempera o empadão um tal Isaias Abundio, esparramado mediocre, sem orvalho de talento a porejar-lhe do craneo, alma de tortas manhas gotejando vaidade, intrigas e covardia.

Se a *Palavra* é gamela de fressureira em que esfossam burlistas, e zôa a pieira rouca dum bacharelote gatunoido a que ninguém responde, o *Correio do Norte*, mais açamado na loquela, não melhora nas intenções. Comquanto as duas lamparinas se procurem mutuamente sugar o azeite, ambas fulgem no mesmo santo amor contra a democracia. Odios de sacristia as separam, o odio á liberdade as junge.

Pois não se lembraram de insultar o Isaias, professor da Escola do Comercio que aproveitava as aulas para defender a ditadura franquista, e que varias noites houve de sair do edificio sob a protecção da policia para se livrar do correctivo dos alumnos — intitulado-o representante do modernismo religioso em Portugal! O Isaias, que nunca pensou, preocupado na evolução do dogma adaptando-se ás descobertas scientificas recentes!

Na minha banca tenho presente um inquerito de rigorosa imparcialidade, praticado na Italia, ao tempo da famosa enciclica de Pio X, pelos jornalistas francêses Alphonse Séché e Jules Bertaut. Interrogaram elles os modernistas chefes de fila, p.^{os} Salvatore Minocchi, Romolo Murri, Ernesto Buonaiuti, os leigos da revista *Il Rinnovamento*, conde Alessandro Casati, duque Gallarati Scotti, Antonio Alfieri, e os seus adversarios, Monseñhor Begnini, favorito pontificio, o cardeal Rampolla, e os jesuitas da *Civiltà Cattolica*, representados pelo redator especialista na materia p.^o Silva.

Que lhes respondeu o p.^o Salvatore Minocchi?

— «Nós aceitamos todas as reivindicações dos republicanos-socialistas. O trabalho, a egualdade, a posse em comum das riquezas, a partilha equitativa dos bens, o salario proporcional ao esforço, as instituições democraticas, constituíam as ideias fundamentais sobre que assentava a sociedade cristã no seu primitivo estado.»

E o p.^o Romolo Murri, hoje deputado, e suspenso *a divinis*, ajuntava:

— « Sou anticlerical no sentido puramente negativo de me pronunciar contra a politica clerical. Hoje, a Igreja aliou-se aos partidos conservadores, politica religiosa que não pode durar, pois que não passa dum expediente de dirigentes de limitado horisonte. A consciencia religiosa padece de mal enraizado. Esse mal provoca a presente crise das relações entre a Igreja e o Estado. »

Acaso são doutrinas deste porte as que brotam de Isaias Abundio, couçoeira diplomada, salitrando furores contra a democracia e contra o espirito moderno? Se elle ataca o nacionalismo por este aceitar, na apparencia, o *statu quo* concordatario, e não se levantar dum folego contra os usos e costumes do que os canonistas chamam a Igreja portugueza! Se elle é mais teocratico que a propria Curia Romana que se obrigou a reconhecer ao Estado determinadas regalias civilistas! Se elle agride os partidos do blôco predial por se não casarem intimamente com o blôco governamental, e os dois blôcos argamassarem um reboludo calhau de dimensões ciclicas contra os republicanos!

Mas não valem sustos. Nem os clericaes de rabona, nem os clericaes de loba, na trilha historica dos frades de 1833-34, dos parocos minhotos da Maria da Fonte, dos curas carlistas em Espanha, sacudirão guerrilhas para o teso dos outeiros. Não tomam do trabuco e do breviario, nem ritmam os salmos de vespersas e matinas com descargas de fusilaria.

Tambem no seminario aprenderam que a pele é tenra, e as balas furam. E quando mais trefegos, esvurmam denuncias nas Ligas Monarquicas, como bufos do confissionario, ou quebram-se o santo crisma [nas saliencias dos muros da Sé, por causa de multas, esmurrando-se á mão tente como os anjos nas alturas se devem apontar muros, enjoados das eternas harmonias das esferas, rolando pelo Infinito.

Dois traços coloniaes

As eleições.— As escolas.— A escravidura mansa.

Um acaso, ao cabo de larga duzia d'annos de separação, defrontou-me um velho condiscipulo, que não vovera a avistar desde os tempos escolares, e que por Africa mourejava. Vinha á terra natal em repouso de fadigas, a côr tisonada, cabelos com fios de neve.

Vivia em Angola, ora nos povoados do litoral, ora no sertão, lá muito pelo interior, a quarenta ou sessenta dias de jornada, alto funcionario duma companhia poderosa, deslocando-se com frequencia até Lourenço Marques, vendo com olhos de ver o que por lá se passava.

Assim como elle me salteava de perguntas sobre os rapazes do nosso tempo, anceando beber saudades, assim eu o crivava d'interrogatorios para me documentar. Bem sabem que o vicio do jornalista é levantar assunto, como o monteiro ergue um bando de perdizes.

Logo ao começo do dialogo derivou a conversa sobre politica, e quiz eu saber, visto em periodo eleitoral estarmos, como por essas bandas corriam os processos eleicoeiros. Havia differença nas artimanhas? Inventariam os caciques africanos coisa não vista neste talhão da peninsula?

— Como é que, existindo nas povoações coloniaes, uma tensão republicana mais dura ainda que na metropole, não se consegue por lá a eleição dum candidato republicano? — eu interroguei.

— Respondo-te por Angola — elle me voltou — que melhor conheço. E' facil explicar.

— O preto vota?

— Não. O preto bebe.

— Então... o branco...

— Assim: Abre-se um recenseamento da cidade de Loanda. Ha filas cerradas d'eleitores por este teor inscritos: Francisco

José, 40 annos; José Francisco, 45 annos: Antonio Manuel, 40 annos; Manuel Antonio, 45 annos. E multiplica os Joaquins, ou Julios, ou Diogos, á tua vontade. Vês que a destrinça entre José de 40 e José de 45, nem cá, nem lá se torna de facil investigação.

Imagina que ás 9 da manhã todos os Manueis Antonios votam numa assembleia, e ao meio dia ou duas da tarde, os mesmos Antonios Manueis, que apenas alteraram ligeiramente o nome, vão descarregar a lista n'outra urna. Multiplica, e soma os resultados. Total: — milhares de votos para o candidato governamental.

— Mas quem são os marcas? Quem se presta? Os empregados publicos?

— Não. Lá achou-se processo mais apurado: São os condenados que teem homenagem na cidade, os degredados de direito comum, vindos da penitenciaria, ou deportados como vadios, sem direitos politicos, mas eleitores de confiança. E ahí tens. Singelo, como todos os sistemas perfeitos.

* * *

Achava maravilhoso. De que havia de servir um condenado, senão para o fabrico de deputados africanistas?

— E escolas? A instruçãozinha, menino? — encarnicei-me de novo.

— Nada de teorias continentaes. Despe os preconceitos e escuta. No dia em que o negro fôr instruido, se ao lado da escola não assentares um forte de respeito, e força militar numerosa, tiram-nos a pele. O indigena odeia-nos, pelos nossos desgovernos, extorsões, maus tratos e inepecias. Marcham os governadores até á Africa, no puro fim de equilibrar as finanças pessoaes.

Nas povoações mais cultas, luxa-se e esbanja-se como em Lisbôa ou Porto nunca se desperdiçou. Em Loanda ou Mossamedes por exemplo, uma negra de casa abonada, não sae á rua sem sapatos de seda, tacões á Luis XV, que na passeata estraga, e

que deita fóra em seguida. Ora os altos funcionarios, obrigados a hobrear em tafularias e pompas com os mais ricos, não ganham senão uns ordenados mesquinhos. Gastam o triplo do que recebem. E regressam á metropole com alforjes de centenas de contos, como ha bem pouco um de lá voltou. (Aqui o meu amigo poz um nome, que reservo). Ah! no dia em que o preto fór ilustrado, ficamos servidos! Só se submetem, por ignorantes. A ignorancia é o fundamento mais solido do nosso imperio colonial. O *Abc* matava-nos; salva-nos o alcool. Nada de cartilhas, aguardente.

— Assim, tu defendes o embrutecimento da raça?

— Qual! Defendo a minha pele d'africanista, que viaja pelos sertões. Cuidas que o preto revoltado executa os protocolos da convenção de Genebra, acêrca do tratamento aos prisioneiros! Brrr! Tenho agua na espinha ao lembrar-me dos refinamentos com que me derreteriam os toicinhos, que aliaz me não carregam o corpo.

Na provincia de Moçambique existem, doadas pelo testamento do Conde Ferreira, umas quatro escolas primarias. O orçamento dedica-lhes passante de 14 contos anuaes. Pois nunca por lá avistei alunos nem professores. Uma vez que visitei a de Ressano Garcia, topei-a servindo d'armazem d'arrumação. Louvei o caso. Nada! que por aquelles sitios, nós, os brancos, pensamos pela mesma pauta.

Iria mais longe. Proibia que na Europa se formassem advogados pretos, e engenheiros da mesma côr. Com a indole de negros e o saber europeu, põem em perigo a nossa soberania.

— Por pouco que não defendes a escravatura.

— Para que, se ella por lá existe, sob formas atenuadas? Precisas no teu acampamento duma negra de boas fórmas, novinha em folha, para todo o serviço? Mandas comprá-la por 50 ou 60 *macutas*. E' o pae que a conduz e te obriga a verificar, se a fazenda vem em bom estado. Dás-lhe o preço estipulado, um presente, um copazio d'aguardente, e ali tens a serva.

Calei-me. Estava começando a minha educação de colonial positivo.

Desgraças locais

Um cantinho da Alfandega.

Não podemos, nestes panfletos que mais se prendem aos interesses da politica geral que ás questões particulares da cidade, dar largas a tripeiros assuntos, que necessitam umas carroçadas de cal, agua a rôdo, e vassoira d'arame. Mas duas vergonhas aqui nos afligem e prejudicam constantemente: os serviços dos correios e os serviços da Alfandega. Começemos por esta, e toquemos-lhe ao de leve... para começar.

E' mais facil tirar o premio grande na lotaria, mesmo não tendo jogado um real, do que sacar da alfandega, qualquer mercadoria a despacho. Entra-se moço com um fardo na sala d'abertura, e a barba encanece, deita-se queixada postixa, abre-se a calva no pinaculo da cabeça, antes que a fazenda saia as portas do casarão para casa do destinatario.

Logo no caes, os quatro guindastes macrobios, desdentados, tres delles com quarenta ou mais annos de serviço, gemem pela reforma. E como anciãos tiritando de frio, taes se já os houvessem promovido a directores da alfandega, a cada passo reclamam concertos.

Ao longo dos corredores atravancam-se montões de fardos e caixas. Piramides, serras, cordilheiras de fazendas, pejando zôrras estacadas, marinhando pelas paredes, ameaçando desabar sobre quem passa, obrigando o padecente a galgar sacas, a escorregar num chão viscoso e lamacento, immundo como se estrumassem o solo com toneladas de guano.

— « Porque não removem estas mercadorias ? » — pergunta-se ? — « Porque não temos material circulante ! » — responde-se. — « E porque não despejam este que está occupado ? » — « Porque não temos onde arrumar as mercadorias ! »

O argumento do comandante que não dava as salvas 1.º porque não tinha polvora, e depois. . porque todos prescindem de ouvir o resto da justificação.

Comtudo um grande e amplo armazem, o *Central*, acha-se apenas occupado por teias d'aranha ! Porque se não servem delle ? Não tem condições de segurança ? Pois escorem-no, reforcem-no. Os engenheiros não se crearam para tocar guitarra no umbigo. Ou o diretor da alfandega, que ninguem sabe se é o snr. conselheiro Durão, se o snr. Silva Martins, subalterno trepado a mandão, cuida que a alfandega se criou para seu goso pessoal, e não para servir as necessidades do commercio ?

Ha no caes espaço para mais uma linha descarga. Porque se não constroe ?

Imaginem que neste jardim de surpresas existem 4 elevadores, movidos por dois dinamos. Dois dos primeiros acham-se de reserva. Porém os dois restantes nunca funcionam ao mesmo tempo, porque o dinamo não pode com a carga. Padece de lazeira... o triste ! Quando puxa um elevador, tem queixa de peito se o querem obrigar a mover o outro. De forma que a alfandega se acha reduzida a um só, *solus, totus et unus !*

*

* * *

Ora como os guindastes são maus, as linhas de descarga poucas, os elevadores descansam, o material circulante parado, e o maior dos armazens contempla como as aranhas femeas devoram os aranhões machos, igualmente falta o pessoal nas balanças, e todos dizem que tambem falta um diretor. Para que as balanças funcionem, andam os despachantes de mão estendida, pedindo a esmola dum trabalhador qualquer, que vá fazer serviço que por categoria lhe não compete.

E na sala d'abertura onde aqui ha annos trabalhavam 12 empregados, hoje que o movimento aumentou e d'anno para anno sobe, apenas uns 7 ali estacionam ! Economias ! De maneira que d'antes se obtinha um despacho no praso de 4 dias, e hoje quando sae ao cabo de 10, é porque se prometeu missa cantada á Senhora da Aparecida, e se fôr a termo de 15 ainda se deve uma prenda a Santo Antonio, que depara as coisas perdidas.

E não creiam que estou chanceando com os dois santos milagreiros! De facto, as mercadorias, em vez de se depositarem nas salas respectivas, são atiradas a monte e a esmo, para os diversos armazens. Desta mistura resulta que os despachantes perdem ás vezes tres dias na pesca do volume que necessitam, correndo do n.º 1 para o 3 ou para o 4, ou para qualquer outro, regressando ao ponto de partida, como quem busca agulha em palheiro. Já alguém propoz empregar furões nessas caçadas. Não caíam em tal. Perdiam-se os bichos, e tinham depois de deitar coelhos atraz dos furões.

Só ao cabo de 7 mezes depois da cheia, se começou a limpar e cair a *furna* ou armazem n.º 1. Sem luz, porque a luz electrica, pelo visto, serve na Alfandega para iluminar o sol, quando á furna se desce com um empregado empunhando um lampeão, é como quem visita as catacumbas de Roma, a decifrar os epitafios dos tumulos cristãos. O guarda cata os letreiros, o despachante pragueja, os dois esfarrapam as calças nos caixotes, ou dão caneladas de respeito, e depois duma exploração infrutuosa, voltam á luz do dia, perguntando o primeiro ao segundo: — Não era uma charrua que o sr. procurava? Isso deve estar no armazem das quinquilharias, se não estiver enterrada no terriço do armazem dos assucares!

Entretanto, o sr. conselheiro Manuel da Silva Martins, diz ao seu subordinado sr. José Joaquim Gouveia Durão: «Ora aqui vem uma ordem de serviço do sr. Director Geral, louvando-me pela economia, rapidez e aceio com que dirijo esta casa. Ainda bem. Podemos diminuir o quadro. Ha gente de mais. Não sei de que se queixa o commercio, quando o nosso Director Geral está contente! Sempre ha cada asno!»

